

CORRENTES TEÓRICOS-METODOLÓGICAS EM GEOGRAFIA URBANA

Irlane Gonçalves de Abreu*

Este texto pretende identificar as principais correntes que discutem o fenômeno urbano, a partir das posturas teórico-metodológicas de diversos autores, fruto da inserção dos mesmos em contextos diferenciados. Considera-se, sobretudo, o estudo dessas propostas à luz das transformações por que vem passando a Geografia.

Os trabalhos aqui tomados como referências são de Harold Carter¹, David Clark² e Fany Rachel Davidovich³, de quem foram considerados os mesmos títulos sob os quais tentar-se-á agrupar os estudos sobre o fenômeno urbano.

"Fenômeno Urbano" será entendido neste texto como qualquer manifestação que diga respeito ao urbano, seja ao processo de urbanização, seja ao crescimento das cidades, seja ao estudo da estrutura interna das cidades ou ao urbanismo.

A "cidade moderna" é um fato relativamente novo na história do homem e por esta razão, somente há pouco tempo, surgiram estudos sistemáticos a respeito. Isto não quer dizer que muitos estudiosos, desde a Antiguidade, não se tenham preocupado com a cidade, mas seus trabalhos tinham o cunho essencialmente descritivo, como aponta Carter⁴. A perspectiva analítica para o fenômeno urbano e a procura de um referencial explicativo só vão aparecer no fim do século passado, quando a vida urbana passa a ser a tônica da civilização, um caminho cada vez mais sem volta, surgindo a cidade como um espaço que cresce cada vez mais e que precisa ser explicado, e "organizado".

* Professora de Geografia da UFPI.

A mudança na qualidade dos estudos urbanos - "La substitución de descripción por interpretación de la localización estableció los principios para que la geografía urbana progresase como un estudio especial"⁵. - conteria àquele período que Antônio Carlos Robert Moraes⁶ chama de "racionalismo geográfico", cuja característica principal é a possibilidade de adoção do raciocínio dedutivo, ao lado do raciocínio indutivo. Tudo isso ocorre dentro da perspectiva mais ampla de transformação da ciência, pelas décadas de 20/30 deste século, caracteriza da por vários elementos. Um destes é a constatação de que há um mundo em mudança, de que há uma alteração na base social. É premissa geral a de que não se pode deixar a sociedade à revelia, é preciso que nela haja uma intervenção do Estado, através do planejamento econômico para que "não se perca o seu controle". Há igualmente uma realidade que se torna mais complexa, onde se destacam o crescimento das cidades e a modernização das atividades agrárias, ou seja, surge uma rede intrínca de relações que teorias locais já não conseguem explicar satisfatoriamente.

A mudança da sociedade, a complexização do espaço de relações, vão, por sua vez, tornar frágeis e cada vez mais questionáveis os fundamentos positivistas em que se assentam as explicações científicas até então, e, por essa via, a explicação geográfica também se torna questionável.

É nesse contexto que surge a perspectiva neo-positivista na ciência como um todo e na Geografia, em particular. São substituídas as análises do concreto pelos dados que representam o concreto; são adotados instrumentais (o computador e similares...) que permitem a interpretação simultânea de muitos dados, de muitas realidades. Essa

t^{rans}formação da Geografia vai ter mais ênfase nos Estados Unidos, onde, reflexo das alterações e da tentativa de equilíbrio das forças políticas, vai se situar o centro balizador do mundo ocidental. Ali vão aparecer duas "escolas geográficas" de destaque: a Escola de Geografia Cultural e a Escola de Geografia do Meio Oeste. É desta última que surge os estudos tidos como "modernos" ou "sistemáticos" sobre a cidade, fazendo emergir um novo ramo da Geografia - a Geografia Urbana - que vai buscar seus fundamentos na Ecologia Humana, na Sociologia Funcionalista e na Economia.

São creditados a Karl Hassert (1907) e Raoul Blanchard (1911) os primeiros estudos urbanos desse tipo, citados na análise do sítio e situação das cidades.

A partir dessas considerações, mesmo sob pena de incorrer em alguma generalização imprecisa, tentar-se-á agrupar aqui os autores mais significativos que discutem o fenômeno urbano, em dois segmentos: o primeiro chamado de "teorizações neo-positivistas" e o segundo, chamado de "teorizações alternativas".

TEORIZAÇÕES NEO-POSITIVISTAS

Consideram-se teorizações neo-positivistas aquelas que tratam o fenômeno urbano de modo sistemático, que usam frequentemente instrumental interpretativo moderno (uso de métodos matemáticos e/ou estatísticos e até da informática), que ainda têm nas ciências da natureza o seu modelo de interpretação, que se distinguem, sobretudo, por não contextualizarem o estudo do fenômeno urbano, esquecendo-se do processo histórico que o viabilizou.

As teorizações neo-positivistas ainda podem ser agrupadas: em 1) teorias comportamentais; 2) teorias estruturais 3) teorias demográficas.

As teorias comportamentais são as que dizem respeito essencialmente ao comportamento das pessoas com relação ao fenômeno urbano, tendo como parâmetro dois tipos de sociedade diferenciadas: a rural tradicional e a moderna urbana (já identificadas por Durkheim, em 1893).

De modo geral as teorias comportamentais tendem a considerar o fenômeno urbano como um "modo de vida", tornando-se este uma base no padrão interpretativo: o que distinguiria as colocações dos diversos autores comportamentais seria a maneira diferente de encerrar o "modo de vida urbano".

Um dos autores de mais destaque e

que apresenta uma proposta mais ampla e mais acabada, espécie de síntese de todos os trabalhos elaborados sobre o fenômeno urbano sob a ótica comportamental, é Louis Wirth⁷, que escreveu, em 1938, o clássico "Urbanismo como modo de vida". Wirth tenta ver como se comportam as pessoas nos centros urbanos, dizendo que "El volumen de la población anexionada afectará las relaciones entre los miembros aumentando las diferencias que más tarde conducirán a la segregación"⁸.

Antes de Wirth, Reissman⁹ já afirmava que havia duas sociedades perfeitamente diferenciadas e que o comportamento dos camponeses (folks) era nitidamente contrastante do comportamento dos cidadãos (urbanos). Daí a proposta de Reissman ser denominada de *teoría dos contrastes*.

Redfield (1944) é outro autor com portamentalista. Para ele que analisou... "uma aldeia (população de 101 habts), uma aldeia camponesa (pop. de 250 habts), uma pequena cidade (população de 1200 habts) e uma cidade (população de 100.000 habts)"¹⁰ - representativas de variações de povoaamentos encontrados em Yucatã, México - existe uma gradação contínua de comportamentos, da economia, da espacialidade, enfim da sociedade mexicana, entre o rural e o urbano.

As concepções estruturais dizem respeito à interpretação econômica do fenômeno urbano. Referem-se... "al movimiento de la población desde las comunidades agrícolas hacia otras comunidades, generalmente más grandes"¹¹. A idéia que dirige este grupo de teorias se refere à organização diferencial do trabalho, isto é, as sociedades se diferenciariam uma das outras com relação ao fenômeno urbano, em função de sua posição no desenvolvimento econômico. Quanto mais etapas econômicas uma sociedade tiver superado ou vencido, mais urbanizada ela será. Aqui a idéia de urbanização está claramente identificada com os graus de desenvolvimento econômico. O fenômeno urbano... "és, por lo tanto, un producto de la especialización económica en aumento y de la tecnología en progreso"¹².

Brian Berry é um autor que pode ser identificado com esta proposta. Em seu trabalho de 1962 "Algunas relaciones de la urbanización y los patrones básicos del desarrollo económico"¹³ Berry conclui dizendo... "que el crecimiento de la ciudad es simplemente la concentración de especializaciones diferentes, pero funcionalmente integradas en localizaciones adecuadas. La ciudad moderna es un modo de organización social que fomenta la eficacia de las actividades económicas"¹⁴.

A terceira proposta das teoriza-

coes neo-positivistas baseia-se na idéia de que o fenômeno urbano é um processo de concentração espacial de população. A urbanização é considerada como... "el componente de organización de la capacidad de adaptación al canzado por una población"¹⁵, isto é, a maior ou menor capacidade que uma população demonstra para obter segurança e subsistência, num determinado meio.

TEORIZAÇÕES ALTERNATIVAS

Por teORIZAÇÕES alternativas chama-se as proposições a respeito do fenômeno urbano que fogem às interpretações positivistas. Muito recentes, se inserem, quase todas, numa linha analítica que entende o fenômeno urbano como processo histórico, que se diversifica segundo a formação econômico / social de cada espaço.

Uma dessas manifestações refere-se à preocupação de distinguir, com relação ao fenômeno urbano - e mais especificamente à cidade - o que é ideológico e o que é científico.

Um dos autores dessa corrente é Manuel Castells que discute a questão da ideologia do urbano dizendo que não têm sentido as dualidades campo/cidade, rural/urbano, porque isto só desvia os estudos do fundamental, isto é, da ação do capital, que homogeneiza espaços. Castells discute também a idéia de urbano tomado somente como espaço físico, lembrando sua dimensão social.

Harvey e Lojkin evidenciam esta proposição de Castells, cada um à sua maneira, na interpretação do papel do espaço urbano no desenvolvimento do capitalismo¹⁶.

Jean Lojkin... "dá ênfase particular à importância da concentração urbana para as condições gerais de produção, na medida em que atende à necessidade de socialização dos meios de produção, na medida em que favorece a circulação e que propicia condições para a reprodução da força de trabalho, através dos meios de consumo coletivos"¹⁷.

David Harvey referindo-se à cidade de... "recupera a noção de meio físico construído"¹⁸.

Já Henri Lefebvre diz que a ocupação do espaço e a produção do espaço são fatores seguros para a sobrevivência do capitalismo.

Dentro dessa perspectiva alternativa de interpretação do fenômeno urbano, deve-se lembrar ainda o trabalho de Milton Santos que, dentro do mesmo espírito crítico, discute este fenômeno no 3º mundo.

A referência aqui somente a esses autores não significa que neles se esgote a produção do assunto sob o enfoque alternativo: são considerados neste trabalho pela expressão de suas idéias. Deve ser lembrado também que em se tratando de postura teórico/metodológica recente na Geografia Urbana, há muitas propostas "alternativas" em elaboração. Como ficou antes igualmente expresso os estudiosos desta corrente têm a preocupação de inserir seus estudos num contexto. Nisto reside a possibilidade de agrupá-los sob o mesmo rótulo.

NOTAS

- ¹ CARTER, Harold. *El estudio de la geografía urbana*. Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1974, 318 p.
- ² CLARK, David. *Introdução à Geografia Urbana*. SP, Difel, 1985, 286 p.
- ³ DAVIDOVICH, Fany Rachel. *Focalizando conceituações no urbano*. *Revista Brasileira de Geografia*, 45 (1): 137-148 jan/mar. 1983.
- ⁴ CARTER, Harold, *op. cit.* p. 9-25.
- ⁵ *Id. Ibid.*, p. 11.
- ⁶ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*, SP, HUCITEC, 1981, 138 p.
- ⁷ WIRTH, Louis. *Urbanism as a way of life*. *American Journal of Sociology*, 44, 1-24, 1938.
- ⁸ CARTER, Harold, *op. cit.* p. 37
- ⁹ REISSMAN, Leonard. *The Urban process*, New York, Free Press, 1964, 255 p.
- ¹⁰ CLARK, David. *op. cit.* p. 107.
- ¹¹ CARTER, Harold. p. 39.
- ¹² *Op. cit.* p. 40.
- ¹³ CARTER, Harold, p. 40, nota bibliográfica 33.
- ¹⁴ *Id. ibid.* p. 41
- ¹⁵ *Id. ibid.* p. 43
- ¹⁶ DAVIDOVICH, Fany Rachel. *op. cit.* 143.
- ¹⁷ *Id. ibid.* p. 143.
- ¹⁸ *Id. ibid.* p. 143.